

KURSK, A CAPORETTO DA OTAN?

Por Gabriel Camilli*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A Europa tenta criar uma realidade paralela, mas a verdade é que os europeus não estão em posição de exercer qualquer coerção sobre a Rússia na mesa de negociações.

A Batalha de Kursk está se transformando em uma Caporetto da OTAN. Uma das maiores derrotas militares da história. Sem a intenção de procurar cópias exatas, a história militar pode nos ajudar.

Em outubro de 1917, o Império Austro-Húngaro estava exausto. Três anos de graves desastres militares esgotaram seus recursos e forçaram-no a se subordinar ao seu poderoso aliado alemão. Na frente italiana, o Exército Real demonstrou uma atitude agressiva inegável, embora sem grande eficácia, e desencadeou, uma após a outra, 11 batalhas no Isonzo até o verão de 1917, com o objetivo imediato de tomar Trieste e, finalmente, derrotar definitivamente seu inimigo tradicional. Mas tudo mudou quando a Alemanha finalmente concordou em apoiar seus aliados. Uma ofensiva conjunta avassaladora, a 12ª Batalha do Isonzo, mais conhecida como o desastre de Caporetto, não apenas recuperou o terreno perdido ao longo de dois anos, mas também chegou perto de derrotar definitivamente o Exército italiano.

CARNIFICINA EM FORMAÇÃO

Em Kursk: os russos avançaram pelo leste. As forças da OTAN logo se verão cercadas. A lógica os forçaria a recuar. Pelo contrário, testemunharemos uma carnificina.

A situação em Kursk atingiu um ponto crítico nos últimos dias. As forças ucranianas ao redor de Sudzha têm duas estradas conectando-as às suas linhas. A principal rota de abastecimento está sob fogo russo há algum tempo, portanto eles dependem da estrada secundária. Um ataque russo de Kurilovka conseguiu atravessar esta estrada secundária. Há relatos de que tropas russas chegaram à fronteira ucraniana, o que significa que a estrada está fisicamente bloqueada e não apenas controlada por fogo de artilharia. O avanço foi confirmado por fontes ucranianas, como o *Deep State*. As Forças Armadas Ucranianas (FAU) estão supostamente se organizando para se retirar imediatamente de Kursk ou se defender e tentar desbloquear a estrada. Estão se retirando de Malaya Loknya, no extremo norte do saliente, mas ainda não se sabe se isso significa um abandono geral de Kursk. Dado o forte fogo russo nas estradas nas últimas semanas, a retirada da Ucrânia provavelmente levaria ao abandono ou perda de uma quantidade significativa de equipamentos. É muito difícil imaginá-los saindo do gargalo em boas condições.

Após a infiltração bem-sucedida pelo oleoduto de Sudzha e o colapso das defesas ucranianas no saliente de Kursk, as Forças Armadas Russas conseguiram entrar na cidade de Sudzha. Eles tomaram o controle da zona industrial e assim tomaram metade da parte leste da cidade. Dos quase 400 quilômetros quadrados que os ucranianos ocupavam há uma semana, eles agora controlam apenas 150 a 200. Toda a parte norte da área entrou em colapso.

As FAU podem começar a se retirar da cidade, já que as Forças Armadas da Federação Russa (FAFR) estão se aproximando de Sudzha de várias direções e também têm controle de fogo sobre as rotas de abastecimento da FAU e agora as rotas de fuga em direção a Sumy.

No momento em que este artigo é escrito, soubemos pela Frente Kursk que as Forças Armadas Russas haviam assumido o controle da cidade de Sudzha e das aldeias vizinhas. Eles também avançaram pela área da floresta Melovoi. As Forças Armadas da Ucrânia controlam apenas cinco aldeias no distrito de Sudzhansky.

OPERAÇÃO POTOK

Obtivemos um relato da Operação Potok em um oleoduto perto de Sudzha do comandante do DRShB Vostok com o indicativo de chamada Zombie (ex-comandante do terceiro destacamento de assalto da PMC Wagner).

Segundo Zombie, os preparativos para a operação levaram três semanas. Primeiro, o gás foi removido do gasoduto e o oxigênio foi introduzido, depois disso começou o trabalho de equipar as saídas para a superfície, áreas de reunião de pessoal, banheiros e suprimentos de munição.

Após concluir o treinamento, o pessoal da 11ª Brigada Aerotransportada, do 30º Regimento de Fuzileiros Motorizados, do Regimento de Assalto Aerotransportado Veterano, do Regimento de Assalto Aerotransportado Vostok e das Forças Especiais Akhmat continuaram o treinamento por quatro dias. No total, mais de 800 pessoas foram transportadas em pequenos grupos.

Eles tiveram que atravessar o oleoduto por cerca de 15 km e, ao sair dele, os combatentes imediatamente ganharam uma posição na zona industrial perto de Sudzha. O inimigo, sem esperar tal manobra, começou a recuar.

A preparação para esta operação levou cerca de quatro meses, e a missão ocorreu em março, durando pouco mais de uma semana. O objetivo principal era realizar operações de sabotagem em território inimigo e forçar as forças ucranianas a se retirarem das áreas ocupadas de Kursk.

Os soldados enfrentaram condições extremas, passando vários dias na escuridão e com acesso limitado ao ar fresco. Apesar das dificuldades, como a falta de espaço para se movimentar e a presença de gás residual no tubo, eles conseguiram avançar mais de 15 km por um conduto de 1,4 metro de largura. Para facilitar a respiração, foi implementado um sistema de ventilação improvisado.

Assim que as tropas saíram do oleoduto, elas se encontraram em uma situação favorável, pois as forças ucranianas não esperavam um ataque daquela direção. A surpresa foi tanta que muitos soldados ucranianos tentaram resistir, mas foram rapidamente dominados, levando a uma retirada caótica.

A operação foi considerada um sucesso retumbante pelos analistas militares russos, que preveem que a libertação completa da região de Kursk é iminente. Com a chegada de condições climáticas adversas, as forças ucranianas enfrentarão desafios adicionais para manter suas posições.

TRIUNFALISMO NA EUROPA

Enquanto isso, na política, os europeus se comportam como se fossem vencedores: eles não são.

Lemos recentemente um artigo dos analistas Kofman e Watling sobre os limites e a determinação da Europa em relação à Ucrânia. O artigo aborda mais uma vez o que chamaríamos de otimismo obtuso, citando cenários de uma possível força de ocupação europeia na Ucrânia, inicialmente composta por 15.000 a 20.000 soldados europeus.

Para se ter uma ideia, o componente de guerra eletrônica russo conta hoje com mais de 20.000 soldados, e o problema não termina aí. Em todas essas propostas europeias, há uma realidade paralela em que as negociações ocorrem em termos de igualdade. Eles ainda não entenderam que as negociações estão ocorrendo depois que as sanções contra a Rússia falharam e eles não conseguiram uma derrota militar em três anos depois que os aliados enviaram todas as armas possíveis sem comprometer suas defesas.

Uma parcela significativa da indústria de guerra ocidental investiu pesadamente em armas guiadas, que não duraram mais de seis meses nas linhas de frente antes de serem quase eliminadas pela guerra eletrônica russa.

Os aliados não podem prevalecer na mesa de negociações sem os Estados Unidos. A maior produtora de veículos de combate de infantaria (IFV, *Infantry Fighting Vehicle*) e variantes modulares da Europa, a Boxer, deve produzir 200 unidades este ano, o que ainda é menos de um terço do que a Kurganmashzavod da Rússia produz anualmente. O que a Europa tem em abundância hoje são veículos de transporte de tropas e uma boa frota aérea, mas com armamentos que dependem muito da indústria americana.

Dos tanques europeus atuais, quase metade são de calibre 105 mm, com blindagem e tecnologia ultrapassadas, inadequadas para o campo de batalha. Em termos de calibre 120-125 mm, existem aproximadamente 2.500 tanques, dos quais mais da metade não estão prontos para o combate. Por exemplo, dos 220 Challenger britânicos, menos de 30 estão prontos para o combate.

Segundo relatórios de analistas europeus, podemos dizer que, nas atuais condições operacionais, a Europa conta com pouco mais de 1.000 tanques. Sabemos que os russos produziram cerca de 1.500 deles em suas fábricas no ano passado.

Os russos estão longe de aceitar quaisquer forças de paz na Ucrânia, militarizando sua fronteira. Essa hipótese nem sequer é considerada nos círculos russos, e parece mais que a Europa está tentando criar uma realidade em que tenta vender uma guerra na qual não venceu uma batalha significativa por mais de dois anos.

A realidade é que não se pode ver a Europa em posição de exercer qualquer coerção sobre a Rússia na mesa de negociações. É claro que a Ucrânia não pode sentar-se sozinha nesta mesa, mas o plano a ser apresentado, se visto desta forma, dificilmente produzirá qualquer progresso frutífero para a paz.

A Rússia não está destinada a entrar em colapso, e isso já foi provado, portanto a guerra terá que ser vencida ou no campo de batalha ou pela diplomacia, que parece ser a opção com maiores chances de sucesso, desde que não existam realidades paralelas.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
